

Produção de sentido em textos midiáticos

Dimas Alexandre Soldi*

Índice

1 Metodologia	2
2 Análise do <i>corpus</i>	2
3 Considerações finais	7
4 Referências bibliográficas	8
5 Anexo	9

Resumo

Pela análise de uma reportagem da revista Isto É, “Brasil dá o troco”, pode-se evidenciar como se constrói o sentido e como os valores são atribuídos no enunciado. Utilizando como metodologia critérios da semiótica francesa, serão evidenciadas as formas como são organizadas as categorias de ator, espaço e tempo no discurso (nível discursivo), a articulação da trama narrativa (nível narrativo) e a oposição sintático-semântica fundamental (nível profundo). A análise aponta também os efeitos provocados pelo enunciador e como este faz-criar o enunciatário, identificando a intencionalidade manifestada no enunciado.

*Jornalista e mestrando do programa de pós-graduação em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista, Unesp/ campus de Bauru. É também membro efetivo do GESUnesp – Grupo de Estudos Semióticos – desde 2003 (www.faac.unesp.br/ges).

Introdução

Na sociedade contemporânea, caracterizada pela diversidade informacional, o texto, mais especificamente aquele produzido pela mídia, adquire importância fundamental para a percepção da realidade. No entanto, é impossível chegar à pureza do real por meio de textos midiáticos, já que eles são discursos de representação simbólica, recortes do real, meras representações. Além disso, todo o discurso é essencialmente persuasivo, “o emissor escolhe do repertório certas palavras e não outras, certos argumentos e não outros, comprometido que está em convencer seu receptor”(DINIZ, 1993, p. 30-44).

O presente artigo tem como *corpus* uma matéria da revista Isto É, “Brasil dá o troco”, publicada em 12 de janeiro de 2004, cujo assunto reside na área diplomática envolvendo Brasil e Estados Unidos (para uma medida adotada pelo governo americano, o Brasil corresponde com a mesma atitude, baseada no princípio de reciprocidade). Após o fato, os meios de comunicação brasileiros concederam destaque à notícia, que se tornou questão de discussão no cenário nacional durante meses. Para este trabalho, adotou-se apenas uma reportagem de uma única revista justamente para haver um aprofundamento sobre como o texto foi construído, principalmente no que tange a representação do real.

Nesse sentido, para explicar a opacidade

do texto em questão, sua trama simbólica e suas formações persuasivas, a metodologia adotada é a teoria semiótica francesa, que apresenta mecanismos rigorosos de análise. De acordo com Barros, "a semiótica trata de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto"(2001, p.8), compreendendo, na expressão do Groupe d'Entrevernes (1977, p.19), o que o texto diz e, o mais importante, como ele faz para dizer o que diz.

1 Metodologia

A pesquisa realizada tem como suporte teórico a semiótica francesa, conhecida também como teoria greimasiana. Consolidada como um método de análise textual, ela é capaz de investigar os meandros de um enunciado, a organização do sentido e o fazer-jornalístico.

O significado de um texto pode ser organizado de acordo com um percurso, como concebe a teoria. O percurso gerativo do sentido é um método capaz de atingir a estratificação do sentido, evidenciando, em diferentes níveis, os recursos utilizados pelo enunciatador para fazer-criar o enunciatário e também como se dá a produção do significado.

A discursividade, a narratividade e o nível fundamental englobam os níveis de produção do sentido. O primeiro investiga as marcas deixadas pelo enunciatador através do tempo, do espaço e dos atores envolvidos no discurso, chegando através das figuras presentes aos temas estabelecidos. O outro, cuida de investigar o encadeamento da narrativa, os seus sujeitos-actantes, a manipulação utilizada, os percursos etc. E por fim, é no nível fundamental que se chega, pela representação lógica do quadrado semiótico, ao pata-

mar mais profundo do texto, o da oposição sintático-semântica primordial, sobre a qual se assentam as demais oposições.

2 Análise do corpus¹

A reportagem da revista Isto É, analisada com o auxílio do percurso gerativo do sentido, refere-se à área diplomática envolvendo Brasil e Estados Unidos. O episódio, cujo título já o evidencia ("Brasil dá o troco"), trata-se de uma atitude recíproca brasileira. O governo americano, como medida de segurança, passa a cadastrar todos os turistas que desembarcam no país, inclusive os brasileiros; o Brasil, por sua vez, passa a cadastrar todos os turistas americanos. Esse é o fato reportado pela revista e analisado em três diferentes níveis.

2.1 Discursividade na Isto É

O objetivo do enunciatador é fazer-criar seu enunciatário para que este fique preso em um sistema de valores estabelecidos e por ele identificados. Com o intuito de persuadi-lo, vários recursos são utilizados no enunciado. No entanto, como se trata de uma reportagem, de um texto jornalístico, no qual se prioriza a objetividade e a imparcialidade, como então o enunciatador faz para conquistar a adesão desse enunciatário sem, contudo, perder a credibilidade, a confiança e a coerência da informação?

Justamente por se tratar de um texto jornalístico, a sutileza na construção textual ou a escolha paradigmática adequada é o procedimento responsável por garantir

¹ O texto verbal da reportagem que compõe o *corpus* desse trabalho está em anexo no final deste artigo.

esse equilíbrio na relação entre enunciador-enunciatário. As ancoragens presentes no enunciado relativas à questão actorial, espacial e temporal nos levam ao enunciador e através dessa marcas podemos perceber a intencionalidade por ele maquiada. Trata-se de desconstruir um texto, identificando essas marcas, chegando à representação do enunciador, aos efeitos provocados por ele e, até mesmo na interpretação concebida pelo enunciatário.

Na reportagem analisada "Brasil dá o troco" várias marcas permitiram chegar a essas considerações. Num primeiro momento foi investigada a categoria actorial. Nela constatou-se quais os atores envolvidos no discurso e seus respectivos papéis temáticos. Como num filme hollywoodiano ou numa novela mexicana ou brasileira, os atores são criteriosamente divididos em blocos ou em grupos. De um lado, os mocinhos; de outro, os bandidos, interpretação que depende do ponto de vista. Os adeptos da política estadunidense ou os preocupados com o sistema de segurança deste país se posicionaria favorável às medidas adotadas com o esquema de segurança e contra a atitude de reciprocidade, tomada pelo Brasil. De um lado estão o /governo americano/, ator coletivo, /turistas americanos/, também coletivo, /Colin Powell/, ator individual que figurativiza o poder do /governo americano/, /Kevin Byrne/, turista norte-americano, e /Cesar Maia/, prefeito da cidade do Rio de Janeiro que está preocupado com a vinda dos turistas, ambos de caráter individual. Nota-se que este último pertence ao espaço Brasil, mas representa papel temático favorável aos Estados Unidos. Do outro lado, configurando outro papel temático, estão /brasileiros/, ator coletivo, /juiz Sebastião Julier da Silva/ e

/Celso Amorin/ (ministro das relações exteriores), ambos de caráter individual. Assim, a maior parte dos atores mencionados pertencem, em número, ao bloco favorável aos interesses americanos.

Um outro recurso referente à atorialização reforça a posição do enunciador de posicionar-se em relação aos interesses norte-americanos. Houve, no interior do texto, o ato de "ceder palavras" a interlocutores em discurso direto. Constrói-se uma cena que serve de referente ao texto, sobre a qual se cria a ilusão de situação "real" de diálogo, seja para dar veracidade ao texto, seja para livrar o sujeito da enunciação. Vale ressaltar que tais discursos aparecem nas falas do ator /Cesar Maia/ e do ator /Kevin Byrne/ e que ambos pertencem ao bloco estadunidense. Não há interlocutores pertencentes ao bloco brasileiro, apenas com /Celso Amorin/, mas de forma pejorativa.

Sobre a espacialização o texto segue-se da mesma forma da composição actorial. Os espaços delimitam os blocos e remetem a papéis temáticos antagônicos. Brasil e Estados Unidos deixam seus papéis actanciais e temáticos para se transformarem em espaços por onde desenrola o discurso. O espaço /Brasil/ é figurativizado pelo espaço /Mato Grosso/, uma vez que o ator /juiz/ representa aquele Estado. Do outro lado, /Rio de Janeiro/ e /Nova York/ representam o /Estados Unidos/. Rio de Janeiro refere-se ao ator /Cesar Maia/ e /Nova York/ ao ator /Kevin Byrne/.

Em relação à temporalização constatou-se uma segmentação por parágrafos. No primeiro parágrafo, pelo uso do tempo no passado, verificou-se a ilusão de distanciamento do enunciador com o enunciado, o que transmitiu a idéia de uma suposta objetividade,

característica considerada fundamental para o jornalismo. No segundo parágrafo, no entanto, predominou as flexões dos verbos e das locuções no presente e no futuro. Após o primeiro parágrafo contextualizar e informar acerca do fato com o predomínio dos verbos no passado, o segundo traz a possibilidade de uma crise econômica na cidade do Rio de Janeiro e traz também o clima de insegurança e tensão ocorridos após o fato. Os verbos e locuções no futuro indicam esse clima incerto. O presente marca a situação atual, que depois de "prever o futuro"(negro), a única saída é mudar a situação presente. O último parágrafo descarta a possibilidade de um futuro tranquilo que poderia ser atingido pelo fim da identificação nos aeroportos e portos, e novamente aponta para um futuro conturbado, caótico, sem solução. São resgatados fatos no passado para criar a ilusão referencial: "... enfrentou na segunda-feira uma espera de até oito horas...", "A chegada do transatlântico Amsterdam ao porto do Rio, na quarta-feira 7, mostrou que a primeira da crise foi só a ponta do iceberg"e, depois de apresentar fatos negativos, remete novamente ao futuro caótico: "Mas o pior está por vir: 37 transatlânticos devem chegar à cidade...". Dessa forma, a construção do discurso pela articulação temporal conduz à timia disfórica causada, de acordo com o enunciador, pela atitude brasileira de "fichar" os americanos. O passado eufórico fica prejudicado após o cadastro de americanos e, pelo que tudo indica no presente, o futuro será disfórico.

Através das categorias de pessoa, espaço e tempo chegamos aos sintagmas figurativos, os quais remetem aos temas de caráter semântico. Entre eles destacam-se os temas que conduzem a um quadro no qual o es-

paço /Brasil/ é apresentado de forma pejorativa. O bloco representado pelo Brasil é visto como caótico, conturbado, desordeiro ("o pior está por vir: 37 transatlânticos devem chegar à cidade [...] lotados de americanos"), semas extraídos da desigualdade social presente no país através do subdesenvolvimento e do arcaico ("equipamentos informatizados semelhantes aos americanos"). Além disso, pela sucessão desses temas, esse bloco é visto como vingativo ("Brasil dá o troco) e tirano ("americanos são obrigados a deixar impressão digital").

2.2 Narratividade na Isto É

Todo o episódio na área diplomática envolvendo Brasil e Estados Unidos, advém de um Programa Narrativo de Uso (PNU) dos EUA. A finalidade, apesar de não mencionada no texto, diz respeito aos ataques terroristas que os americanos foram vitimados. O PN de Base é pelo fim desses ataques, o que representa uma garantia de segurança no território. Assim, é necessário que o país adote medidas antiterroristas para evitar possíveis atentados. Uma dessas medidas, o PN de Uso já mencionado, é exatamente o que dá início ao desenrolar de toda a trama apresentada no texto da Isto É: O governo americano, sujeito do fazer, passa a cadastrar (objeto modal) todos os turistas que adentram ao país, com a finalidade de garantir segurança interna (objeto valor).

Dessa forma, sob o respaldo do destinatário Estados Unidos, o sujeito Governo Americano instaura um encadeamento narrativo com o destinatário os brasileiros. Este, sujeito competente para a ação, sabe-fazer e pode-fazer e é manipulado para a performance. A manipulação é realizada através

da intimidação, ainda que ele saiba-fazer e possa-fazer ele apenas faz por haver um poder representado por toda a autoridade que envolve os Estados Unidos. Assim, ele dever-fazer. A performance nesse caso não implica em um querer-fazer, visto que não trará contribuições positivas para o destinatário, ele é simplesmente obrigado a realizar a performance.

Assim como em todo o tipo de manipulação por intimidação, o destinador-manipulador é visto pelo sujeito manipulado carregado de valores negativos, pois desperta um deve-fazer e o destinatário é obrigado a fazer para não sofrer nenhuma consequência negativa que poderá ser articulada pelo poder do manipulador. Dessa forma, os brasileiros competentes para a performance a realizam. São assim submetidos ao cadastro realizados nos aeroportos e portos em território estadunidense. Para os Estados Unidos restam a sanção positiva de terem contribuído para a segurança interna.

No entanto, uma nova seqüência de Programas Narrativos é desencadeada a partir desse desfecho canônico para os Estados Unidos. Conforme já foi dito a manipulação por intimidação faz com que o destinatário tenha uma visão negativa sobre as qualidades do destinador. O sujeito os brasileiros passa de uma situação eufórica para uma situação disfórica. Passar pelo cadastro é disfórico do ponto de vista dos brasileiros, uma vez que denota desrespeito e desconfiança. Dessa forma, após a sanção benéfica aos Estados Unidos, os brasileiros têm apenas uma saída: a reciprocidade, "dar o troco", como já sugere o título da matéria.

Mas por que única saída?

Para não sofrer graves consequências decorrentes da manipulação por intimidação e

principalmente por não ter a possibilidade de não realizar a performance, visto que são obrigados a passar pelo cadastro, devem-fazer, os brasileiros têm apenas como alternativa a "política de reciprocidade", que legitima que uma nação adote a mesma medida em relação a uma outra nação para uma medida primeira.

Assim, temos um novo objeto valor representado, mas do ponto de vista dos brasileiros: o fazer com que os Estados Unidos sejam também vitimados. Para tanto, o destinador juiz federal Julier Sebastião da Silva obriga todo turista americano que adentra ao território nacional a passar pelo cadastro, o que estabelece também um novo objeto modal.

Fazer com que os americanos fiquem em conjunção com o cadastro significa deixar uma situação disfórica e partir rumo à uma situação eufórica, ou pseudo-eufórica, uma vez que a euforia inicial, antes do cadastro comandado pelos Estados Unidos, só será novamente estabelecida se os brasileiros não forem mais submetidos ao cadastro. Dessa forma, pela impossibilidade de voltar a essa euforia inicial, mas procurando uma outra forma de euforia, o "Brasil dá o troco", o que significa uma pseudo-euforia, visto que os brasileiros continuam sendo desrespeitados e sofrendo preconceito.

Portanto, o "princípio da reciprocidade" não garante ao Brasil e aos brasileiros o respeito aos direitos humanos. Assim adotar a mesma medida não significa fazer-se respeitado, significa apenas atingir o outro através da mesma medida, vingar-se. Novamente constrói-se mais um percurso, o do sujeito juiz. Por intimidação, os americanos são obrigados a passar pelo cadastro quando chegam ao Brasil, devem realizar a

perfórmance. Como sanção, os brasileiros garantem a pseudo-euforia.

Após essa situação recíproca, novos programas narrativos são desencadeados. Como foi dito a situação inicial do Brasil antes do cadastro por parte dos americanos era de euforia, durante o cadastro a situação foi marcada por disforia, com "o troco" procurou-se voltar à euforia inicial, mas consegue-se apenas chegar a uma pseudo-euforia, a partir de agora, no entanto, a articulação da narrativa constrói uma série de programas pelos quais é denotada uma situação disfórica.

Há uma tentativa de colocar fim ao cadastro. Isso significa que a pseudo-euforia não representou de forma efetiva uma euforia. Daí a necessidade de ficar na disforia anterior, sem correr outros riscos. Dessa forma, os novos programas narrativos têm o intuito de fazer com que os americanos não se sujeitem ao cadastro. Para tanto, diversos Programas de Uso são estabelecidos. O sujeito Advocacia Geral da União tenta colocar fim na identificação dos americanos, deixando-os em disjunção com o objeto modal, o cadastro. No entanto, visto que não se realiza, é apenas uma tentativa, este PNU apresenta caráter virtual. Mais uma tentativa de colocar fim ao cadastro é dada pelo actante prefeito do Rio de Janeiro César Maia. Sujeito do fazer, ele tenta colocar os americanos em disjunção com o cadastro. Mais uma situação de caráter virtual. Marcando o clima de tensão esses dois últimos programas de uso contribuem para a manutenção da disforia que predomina em toda a narrativa.

Mais um aspecto torna-se relevante, sobre o não-querer-fazer, quando os brasileiros são obrigados a passar pelo cadastro, é importante mencionar rapidamente a semiótica das paixões. Segundo ela, "numa

narrativa, o sujeito segue um percurso, ou seja, ocupa diferentes posições passionais, saltando de estados de tensão e de disforia para estados de relaxamento e de euforia e vice-versa"(BARROS, 2001, p. 47). No percurso do destinador Estados Unidos, os turistas brasileiros estavam num estado inicial de relaxamento e de euforia, porém, depois do cadastro passaram desse estado para o estado de tensão e disforia. Inicialmente tinham o poder e o saber-fazer, não tinham o querer-fazer, os Estados Unidos deram o dever-fazer. Este último faz com que (obriga) os turistas passem pelo cadastro. Com isso, sem o querer-fazer, ou com o não-querer-fazer, desenvolve-se um clima de tensão e de disforia, que pode ser resolvido de apenas duas formas, pela resignação ou conformação ou pela reparação. O episódio, então, como a narrativa sugere, é marcado pela vingança, ou seja, optou-se pela reparação. Nesse caso, temos manifestadas as paixões complexas, definidas de acordo com Barros (*ibidem*), "são (elas) efeitos de uma configuração de modalidades, que se desenvolve em vários percursos passionais". Dessa forma, entende-se por paixões complexas como sendo o encadeamento de paixões, ou seja, uma primeira paixão, marcada por determinada timia, através de sua satisfação ou insatisfação, gera uma segunda paixão. Na narrativa, após o estado inicial de euforia (antes do cadastro), o estado de disforia (não-querer-fazer, mas dever-fazer e fazer), que é justamente a insatisfação, gera a paixão complexa exemplificada nesse caso pela atitude recíproca. Dessa forma, qualificado pelo querer-fazer mal a quem o ofendeu e pelo poder de fazê-lo, o sujeito juiz (o Brasil) está pronto para reparar a falta, pela vingança ou pela revolta. Trata-se no

caso de revolta contra o destinador injusto. "O sujeito da malevolência vive as paixões da hostilidade, da antipatia, da aversão, enquanto os sujeitos que podem reparar a falta sofrem o ódio, a cólera, a raiva, ou o rancor." (BARROS, *ibid.*, p. 52). O juiz é então um sujeito encolerizado.

Dessa forma, temos uma narrativa marcada pela onipresença disfórica. Toda a construção foi arquitetada criando um efeito negativo originado pela atitude do sujeito Brasil e do sujeito juiz. A paixão presente, a vingança, é o principal fator determinante dessa timia.

2.3 O nível profundo na Isto É

Neste nível são sistematizadas as oposições semânticas fundamentais sobre as quais foi construído todo o discurso. Para tanto, deve-se abstrair as oposições recorrentes no nível discursivo e chegar a uma oposição única que desencadeia todas as outras oposições. O quadrado semiótico, representação lógica das oposições, sintetiza o sentido sobre o qual se assenta o texto.

Por um lado, pelos semas de /subdesenvolvimento/, de /caos/ e de /não-desenvolvimento/, /não-equilíbrio/ temos o sujeito Brasil. Por outro, pelos semas /desenvolvimento/, /equilíbrio/ e /não-subdesenvolvimento/, /não-caos/ temos o sujeito Estados Unidos. O principal ponto a ser destacado é que o Brasil garanta, pelo menos, o /não-subdesenvolvimento/, o /não-caos/ ou o /desenvolvimento/, o /equilíbrio/.

As gradações das oposições compreendem do ponto de vista do Brasil a /vingança/ e, do ponto de vista dos Estados Unidos, a /cooperação/, as quais remetem respectivamente ao /Mal/ e ao /Bem/. Esse é o discurso da

maior parte do texto, das vozes presentes no enunciado, do enunciador. Mais profundamente não há uma passagem do subdesenvolvimento para o desenvolvimento, o que demonstra o /subdesenvolvimento/ e o /caos/ manifestados no Brasil. Esse é o quadro proposto no nível profundo, o efeito de sentido provocado pelo discurso.

3 Considerações finais

Pela análise da matéria da revista Isto É, constatou-se a importância da teoria greimasiana quando aplicada em um enunciado jornalístico. Devido a sua sistematização, através do percurso gerativo do sentido, ela tem por finalidade uma análise criteriosa e minuciosa a respeito do verbal.

No texto jornalístico, cuja característica principal reside na objetividade, na distância de quem produz o texto para quem recebe o produto, na imparcialidade, não temos manifestada claramente a figura do enunciador. Mas por meio da análise discursiva podemos encontrar marcas que nos levam a essa figura, ou pelo menos, à intencionalidade dessa figura. Dentre as marcas, a composição actorial e a espacialização definiram o enunciado por uma oposição de caráter ideológico, em que de um lado estão os Estados Unidos, com seus respectivos atores e espaços e, do outro o Brasil, também com seus atores e espaço. Nestes aspectos o enunciador, aquele que produz o enunciado, coloca-se como favorável às atitudes estadunidenses e contra às brasileiras. Os atores brasileiros são apresentados de forma disfórica, suas representações não se constituem definitivamente, quase não têm "vozes". Já os atores que representam papéis temáticos favoráveis à política americana são devidamente figu-

rativizados, seus discursos são fundamentados e coerentes. Em relação às marcas temporais, constatou-se um clima marcado pela disforia. O presente e o futuro, constituídos a partir da atitude brasileira, apresentam-se como conturbados, caóticos.

A partir dessas marcas chegamos às figuras e aos temas que englobam o enunciado. Podemos depreender um Brasil marcado pela desigualdade, pelo arcaísmo tecnológico, pela pobreza, pelo subdesenvolvimento, cujos pontos configuram um país conturbado, caótico, desordeiro, motivadores de atitudes vingativas, discriminatórias e hostis.

No nível narrativo, vimos como se constituem o destinador e o destinatário e todas as relações que envolvem esses dois sujeitos. Nele nada é por acaso. Por uma atitude dos Estados Unidos, desencadeou uma atitude brasileira, que desencadearam outras atitudes. A medida estadunidense foi estabelecida pela timia eufórica, visto que é fundamentada pela necessidade de segurança; a atitude brasileira foi apresentada pela disforia, já que se trata de uma medida vingativa, "discriminatória e hostil"; as outras medidas, referentes ao prefeito do Rio de Janeiro César Maia e à Advocacia Geral da União são vistas como saídas eufóricas para a disforia predominante.

Contatou-se também o poder da manipulação por intimidação, que apesar de um não-querer-fazer, o dever-fazer sobressaiu. Em consequência notaram-se os desdobramentos representados pela paixão complexa da vingança, motivada pelo não-querer-fazer.

Por fim, no nível fundamental, foi identificado como o enunciado se define partindo de uma oposição semântica principal, o subdesenvolvimento vs. o desenvolvimento.

Dessa forma, observamos a intencionalidade enunciativa manifestada em todo o enunciado. As ancoragens actoriais, espaciais, temporais, as figuras e os temas conduzem ao efeito de sentido geral do texto, marcado pelo subdesenvolvimento disfórico. Não é por acaso que os temas do subdesenvolvimento, da desordem e da vingança conduzem à articulação do discurso e da narrativa. Assim, por mais objetivo que possa parecer um enunciado ele se assenta em determinados valores, sobre os quais percebemos a subjetividade intrínseca, cuja manifestação mantém estreitamento ideológico com o próprio veículo midiático. Devido a essas considerações percebemos a opacidade dos textos midiáticos e concluímos que são representações da realidade construídas pelo pensamento articulado de um formador de opinião.

4 Referências bibliográficas

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2001.
- DINIZ, M. L. V. P. Ideologia e Discurso. In: _____. *Era uma vez o Belo, o Bom e o Bem Comportado: o discurso ideológico nos contos de fadas*. Dissertação (pp. 30-44) Unesp/Assis, 1993.
- GROUPE D'ENTREVERNES. *Analyse Sémiotique des texts: introduction, théorie et pratique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1977.
- HOLLANDA, E; MIRANDA, R. Brasil dá o troco. In: *Isto É*. São Paulo: Três ed.1788, p. 66, 12 jan. 2004.

5 Anexo

Brasil dá o troco

Ao chegar ao País, americanos são obrigados a deixar impressão digital

Quem imaginaria a cena? Filas de americanos nos aeroportos brasileiros, com seus chapéus panamá, coletes safári e malas pesadas, *tocando piano* e sendo fotografados por policiais. Acostumados a longas filas e muita burocracia para entrar nos Estados Unidos, os brasileiros viram desde segunda-feira 5, turistas americanos enfrentando espera de até oito horas para desembarcar no país. O juiz federal Julier Sebastião da Silva, de Mato Grosso, obrigou todo americano que entra no país, por terra, mar ou ar, a ser fichado. Foi o troco, ou “política de reciprocidade”, para uma medida adotada pelo governo americano. A situação gerou desconforto entre os dois países. O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, queixou-se do tratamento “discriminatório” e “hostil” ao ministro das Relações Exteriores brasileiro, Celso Amorim. O chanceler Amorim disse a ISTOÉ que “Brasil e EUA vão buscar soluções que evitem constrangimento”.

Talvez uma dessas soluções seja a de colocar equipamentos informatizados semelhantes aos americanos que já estão em poder da Polícia Federal. O uso dessas máquinas depende apenas de uma ordem oficial. Mas a Advocacia Geral da União deve entrar com um recurso no Supremo Tribunal Federal pedindo anulação judicial da identificação. O prefeito do Rio de Janeiro, Cesar Maia, temeroso de que a guerra das fotos e digitais prejudicasse sobretudo a cidade, que espera milhares de americanos para o verão e o carnaval, também está tentando suspender a

aplicação da medida. “É uma represália que nos ridiculariza diante do mundo”, afirmou Maia. Não é pouca coisa. São 130 mil turistas americanos por ano na capital fluminense, os que mais gastam, deixando na cidade US\$ 120 (cerca de R\$ 360) por dia, o dobro dos argentinos. Só no último réveillon o Rio recebeu quase sete mil americanos, e esse montante deve pular para 70 mil no Carnaval.

“Depois dessa experiência, considero seriamente a hipótese de nunca mais pisar aqui”, esbravejava Kevin Byrne, produtor de filmes, que vinha de Nova York, e, junto com dezenas de outros compatriotas, enfrentou na segunda-feira uma espera de até oito horas para ser identificado no aeroporto internacional Tom Jobim, no Rio. As filas diminuíram depois que a Polícia Federal colocou mais agentes no atendimento e, seguindo o exemplo da polícia paulista, passou a tirar apenas a impressão digital do polegar direito – e não dos dez dedos, como vinha sendo feito. A chegada do transatlântico Amsterdam ao porto do Rio, na quarta-feira 7, mostrou que a primeira semana da crise foi só a ponta do iceberg. Os 650 americanos a bordo levaram cerca de 40 minutos para deixar o terminal. Mas o pior está por vir – 37 transatlânticos devem chegar à cidade até o fim de verão, lotados de americanos.